

HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS: O LUGAR DO IMPÉRIO BRITÂNICO EM *O SIGNO DOS QUATRO*¹

INTERTWINED HISTORIES: THE BRITISH EMPIRE'S POSITION IN *THE SIGN OF FOUR*

Ana Carolina Silva²

Resumo: O objetivo deste artigo é o de investigar as estratégias literárias manejadas pelo escritor escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930) para representar os eventos relacionados ao motim indiano de 1857. Desse modo, a partir da leitura da trama e dos elementos narrativos de *O Signo dos Quatro* (1890), visa-se se pensar os vínculos entre cultura e imperialismo na segunda aventura protagonizada por Sherlock Holmes.

Palavras-chave: História; Ficção; Sherlock Holmes; Império Britânico; Motim indiano de 1857.

Abstract: The aim of this article is to investigate the literary procedures used by the Scottish author Arthur Conan Doyle (1859-1930) to represent the events related to the Indian Mutiny of 1857. By analyzing the plot and narrative approach of the *Sign of Four* (1890), this research seeks to indicate the connections between culture and imperialism in the second adventure of Sherlock Holmes.

Keywords: History; Fiction; Sherlock Holmes; British Empire; Indian Mutiny of 1857.

¹ Uma versão prévia deste artigo foi apresentada como comunicação no Seminário Nacional História e Ficção: as formas do (des)encontro, realizado pelo Laboratório de Estudos sobre Ficção e História (LEFH) – PUC-Rio e UFRJ. Agradeço a todos que estiveram presente e contribuíram com perguntas e considerações, as quais, sem sombras de dúvidas, estimularam a escrita deste texto. Um muito obrigada em especial a Prof. Dr^a. Raquel Gryszczenko Alves Gomes e aos alunos da disciplina de Tópicos HH: 743 – A imaginação imperial britânica, certamente, as discussões de nossas segundas à tarde permeiam cada uma das linhas e das palavras desta publicação. Foi uma alegria contar com a supervisão da Raquel e uma experiência incrível partilhar o meu tema de pesquisa, e, mais ainda, dividir a sala de aula com vocês. E por fim, agradeço à uma das minhas companheiras de jornada na pós Carolina Borges da Silva Luiz pela leitura e ajuda na revisão do texto.

² Doutoranda em História (Unicamp), Universidade Estadual de Campinas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – processo nº 88887.600825/2021-00. <https://orcid.org/0000-0001-9754-8926>. E-mail: aninha_carol@hotmail.com



10.23925/2176-4174.v1.2024e66987

Recebido em: 25/05/2024.

Aprovado em: 01/06/2024.

Publicado em: 04/06/2024.

Produto de uma encomenda, *O Signo dos Quatro* (*The Sign of Four*) foi publicado em fevereiro de 1890, na *Lippincott's Magazine*.³ Não demorou muitos meses para ganhar uma versão em livro tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido. Ainda assim, semelhantemente a *Um Estudo em Vermelho* (*A Study in Scarlet*), que circulou pelas páginas da *Beeton's Christmas Annual* em 1887, a recepção do segundo romance policial de Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi um tanto tímida e, portanto, não provocou nenhum alvoroço.⁴ Apesar de ter as expectativas frustradas, Conan Doyle não abandonou a escrita de outras investigações levadas a cabo por Sherlock Holmes. Foi com a sequência de contos publicada em 1891, na recém-fundada *Strand Magazine*, que Holmes e seu criador transformaram-se em celebridades.⁵ Com o sucesso dos contos, o autor escocês se afastaria da forma longa

³ Em agosto de 1889, em uma viagem a Londres, o editor norte-americano, Joseph Marshal Stodart (1845-1921), se encontrou com os escritores Arthur Conan Doyle e Oscar Wilde (1854-1900) e comissionou uma produção literária de cada um deles para ser publicada nas futuras edições da *Lippincott's Magazine*. O resultado desses pedidos foram os romances *O Signo dos Quatro* e *O Retrato de Dorian Gray* (*The Picture of Dorian Gray*) – que circulou nas páginas da revista em julho de 1890. ACROYD, Peter. Introduction. In: DOYLE, Arthur Conan. *The Sign of Four*. London; New York: Penguin Classics, 2001; CLARKE, Clare. Doyle, Holmes and the Victorian Publishing, In: ALLAN, Janice M.; PITTARD, Christopher. *The Cambridge companion to Sherlock Holmes*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2019.

⁴ BURROW, Merrick. Holmes and the History of Detective Fiction. In: ALLAN, Janice M.; PITTARD, Christopher. *The Cambridge companion to Sherlock Holmes*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2019; DOYLE, Arthur Conan; My first literary success. In: KERR, Douglas (Ed.). *Memories and adventures*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022, p. 60-68; MAZZENO, Laurence W. The Critical Reception of Arthur Conan Doyle: Sherlock Holmes and Beyond. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2023.

⁵ Criada por George Newnes (1851-1910), a *Strand Magazine* passou a fazer parte da cena cultural britânica no final do século XIX. As edições da revista eram mensais e tinham como público-alvo os trabalhadores de colarinho branco e as famílias de classe média e classe média baixa. As colaborações de Conan Doyle destinadas a *Strand* não se resumiram aos cinquenta e seis contos e aos dois romances de Sherlock Holmes. Antes de *O escândalo da Boêmia* (*A Scandal in Bohemia*), *A liga dos cabeças vermelhas* (*The Red-Headed League*) e *Um caso de identidade* (*A Case of Identity*) saírem respectivamente nas edições de julho, agosto e setembro de 1891, o conto *The Voice of Science* havia sido publicado anonimamente no terceiro número da revista, em março daquele mesmo ano. Ao ler os três primeiros contos policiais de Conan Doyle, o editor Herbert Greenhough Smith (1855-1935) suspeitou que tais narrativas ficcionais poderiam se tornar um sucesso de público – algo que se

por um bom tempo, pelo menos no que diz respeito as aventuras estreladas pelo detetive consultor. Os próximos romances, *O Cão dos Baskerville* (*The Hound of the Baskervilles*) e *O Vale do Mundo* (*The Valley of Fear*), só vieram a ser serializados na Strand respectivamente entre agosto de 1901 e abril de 1902 e entre setembro de 1914 e maio de 1915. Diferentemente dos dois primeiros romances, os dois últimos fazem parte do momento no qual a reputação literária de Conan Doyle e a figura de Holmes já haviam ganhado o mundo.

Entre os quatro romances policiais escritos por Conan Doyle, *O Signo dos Quatro*, talvez, seja aquele cujos episódios transcorridos no império evidentemente enquadram, atravessam e modulam o desenvolvimento e o percurso do enredo.⁶ Embora os eventos do motim indiano de 1857 sejam apresentados ao leitor apenas na parte final do romance, o enigma, investigado por Sherlock Holmes, encontra-se intimamente relacionado com as práticas e as incursões do colonialismo britânico no subcontinente. Investiga-se na metrópole e, no entanto, os antecedentes do mistério remetem e se entrelaçam à história do império. Ao narrar e transpor ficcionalmente a Índia oitocentista para as páginas de *O Signo dos Quatro*, Conan Doyle, mais uma vez, adentrava na arena das representações culturais vitoriana e revivia as camadas de memórias construídas e associadas às guerras coloniais. Reencenava-se (e ressignificava-se) o passado por meio da ficção. O objetivo deste artigo consiste em pensar o lugar e as figurações do império britânico no segundo romance protagonizado por Holmes. A partir da sondagem das estratégias literárias empregadas por Conan Doyle para dotar de visibilidade e presença o espaço colonial, tal qual os seus conflitos, visa-se primeiro delinear os impactos e as ressonâncias dos

confirmou com o significativo aumento no número de assinantes e das vendas de exemplares da revista, conforme as histórias foram sendo lançadas. O frenesi da audiência leitora e a crescente demanda levaram a encomenda de novos contos, cujas publicações foram realizadas quase que de modo contínuo até dezembro de 1893. CRANFIELD, Jonathan. *The Strand and the beginning, 1891-1899*. In: *Twentieth-century Victorian: Arthur Conan Doyle and the Strand Magazine, 1891-1930*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017; MCDONALD, Peter D. *Light reading and the dignity of letters: George Newnes, Ltd. and the making of Arthur Conan Doyle*. In: *British Literary Culture and Publishing Practice, 1880-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p.118-171.

⁶ Em outras duas oportunidades, Conan Doyle associou os crimes investigados por Holmes às ações do colonialismo britânico na Índia. A trama do conto *O Diadema de Birilos* (*The Beryl Coronet*, 1892) dialoga diretamente não apenas com *O Signo dos Quatro*, mas também com *A Pedra da Lua* (*The Moonstone*, 1868), de Wilkie Collins, ao narrar a investigação do repentino desaparecimento de uma pedra indiana de valor inestimável. Alude-se, portanto, aos espólios e a riqueza proporcionada pelo império. Já em *O Corcunda* (*The Adventure of the Crooked Man*, 1893) o autor escocês, mais uma vez rende homenagens a Collins e evoca o enredo de seu próprio romance, visto que o crime cometido encontra-se atrelado aos acontecimentos transcorridos no motim indiano de 1857.

empreendimentos imperiais nos mecanismos de representação da prosa ficcional britânica do século XIX; e segundo rastrear as imbricações entre cultura e imperialismo e, conseqüentemente, entre ficção e história.

Não são poucas as referências ao império britânico apresentadas logo no início de *O Signo dos Quatro*. Ao longo do diálogo travado entre os dois moradores da Baker Street 221b, Watson não apenas capitula brevemente a sua experiência na campanha afegã, como Holmes, ao comentar um de seus escritos técnicos sobre as várias cinzas de tabaco, ilustra o seu raciocínio invocando a singularidade do *lunkah* indiano⁷. Certamente, o contraste traçado, por Holmes, entre as cinzas do *lunkah* indiano, as de um Trichinopoli e as de um *bird's-eye*, visa chamar a atenção para a importância dos detalhes no processo de decifração das pistas. A diferenciação opera, assim, de um modo a estreitar o campo de busca em torno da identificação da figura criminosa. Portanto, se a sumária menção de Watson a sua não bem-sucedida carreira militar (no além-mar) cumpre a função narrativa de dar lastro e concretude ao personagem do médico – ademais de ser um dos pontos de interligação com o romance anterior, *Um Estudo em Vermelho* –, as duas alusões à Índia, feitas por Holmes, em um primeiro momento, desempenham o papel de jogar luzes no método indiciário empregado pelo detetive consultor.

No entanto, é possível ampliar o olhar interpretativo para além das ações e da ciência dedutiva de Holmes, uma vez que os episódios seguintes intensificam a presença da Índia britânica no romance. A chegada de Mary Morstan aos aposentos compartilhados da 221B sutilmente desvela os meandros do funcionamento e os impactos diretos e indiretos do colonialismo britânico na trajetória e na vida dos personagens residentes na metrópole e também daqueles oriundos das colônias. Mais do que um pano de fundo ou um pormenor, o império e as experiências coloniais transpassam o universo ficcional de Sherlock Holmes.⁸ Mediado pela pena de Watson,

⁷ Trata-se de um charuto similar ao *cheroot*, cujas duas extremidades são cortadas.

⁸ Um olhar panorâmico pelo cânone holmesiano é suficiente para notar que não são muitas as histórias investigativas de Holmes que se aproximam abertamente das práticas do colonialismo britânico como ocorre em *O Signo dos Quatro* e no conto *O Corcunda*. Tanto é que durante anos predominaram os comentários e, posteriormente, pesquisas cujas abordagens se atinham meramente aos aspectos e aos elementos domésticos das tramas policiais de Conan Doyle. Ignorava-se a naturalidade com que os escritores e as escritoras oitocentistas se reportavam ao império. O método e as angulações empregadas pelos estudos pós-coloniais evidenciam o quanto as formas literárias modernas e o imperialismo se fortaleciam reciprocamente. Como artefato cultural da sociedade burguesa, os mecanismos narrativos do romance tanto davam visibilidade quanto eram moldados pelos

o (singular) relato de Miss Morstan sucintamente reporta o posto militar ocupado por seu pai em um dos regimentos indianos, o seu misterioso desaparecimento em Londres – ocorrido há quase dez anos e após licenciar-se de suas funções nas Ilhas Andamão –, tal qual o repentino e o surpreendente recebimento de uma caixa, anua e anonimamente enviada ao seu endereço. Enquanto falava, Mary abriu o receptáculo e mostrou, aos dois ouvintes, o seu conteúdo: seis reluzentes e magníficas pérolas. A beleza das joias (e da moça) não passara despercebida a Watson e apesar de todas as incógnitas presentes em suas declarações, nenhuma delas levou Miss Morstan as portas de Holmes. A súbita mudança, que a motivara a procurar a ajuda do célebre detetive, era que naquela manhã, ela havia recebido uma carta, cuja mensagem solicitava um encontro e manifestava a promessa de uma merecida reparação. A única ressalva presente no escrito era de que a polícia não deveria ser envolvida de forma alguma, todavia Mary tinha autorização para aparecer acompanhada de dois amigos.

Até então, Mary não fazia ideia do quão próximo estavam os seus caminhos de cruzarem-se com os dos filhos do major Sholto – melhor amigo e companheiro de exército do capitão Morstan nos tempos do regimento indiano; não suspeitava do obscuro acordo estabelecido pelos dois oficiais britânicos com quatro prisioneiros, sob custódia deles em uma colônia penal banhada pelas águas do Oceano Índico; e menos ainda desconfiava da traição cometida pelo major contra todos eles. Não só as névoas do passado do pai de Mary começam a se dissipar, como também as próprias práticas da dominação colonial britânica passam a ganhar cores e contornos conforme a jornada e a ação de seus agentes, metamorfoseados em personagens literários, tornam-se visíveis e tangíveis por meio do desenrolar da trama romanesca. Desse modo, esmiuçar os encaixes narrativos, colocando em perspectiva elementos da obra tidos como secundários, implica pôr em evidência a força e a ressonância do imaginário do e sobre o império na ficção britânica oitocentista. Longe de apenas produzirem um “efeito de realidade” e construírem a coerência interna do texto, essas

empreendimentos imperiais. Os escritos policiais do autor escocês não seriam assim qualquer exceção. Em boa parte deles, as alusões as áreas coloniais não só são corriqueiras, como também é significativo o número de antagonistas e personagens coadjuvantes provenientes de territórios estrangeiros. Embora o recorte cronológico abranja somente as narrativas de Holmes escritas e publicadas no final do século XIX, o trabalho de Mônica Santos da Silva traz um levantamento interessante a respeito dos personagens estrangeiros apresentados nos dois primeiros romances e nas duas primeiras coletâneas de contos de Holmes, assim como analisa as funções narrativas desempenhadas por muitos deles. SILVA, Mônica Santos da. *Elimine o sujeito, e o que restar deve ser o outro: uma leitura subalterna de Sherlock Holmes*. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2023.

representações geográficas elaboram e veiculam a percepção de um mundo global, forjado e marcado pelo imperialismo. Evocar o império, ainda que ficcionalmente, era, em certa medida, se inserir e atuar no âmbito das disputas territoriais.⁹ Era, pois, (re)encená-las aos olhos dos leitores.

A estranheza das circunstâncias expostas e a enigmática missiva, encaminhada à “jovem senhora”¹⁰, destituíram Holmes de qualquer traço de letargia e logo converteram o caso em seu mais novo e excitante desafio intelectual. A caçada por respostas levou o trio a perambular por Londres. Primeiro se dirigiram ao *Lyceum Theatre*, depois tomaram um fiacre e seguiram em a direção ao sul da cidade, onde Thaddeus Sholto os aguardava. Antes de encontrarem o intermediário que os encaminharia à residência de Thaddeus, Miss Morstan entregou a Holmes um mapa descoberto na carteira de seu pai. A princípio o detetive não o considerou uma evidência relevante para o caso, porém não deixou de examiná-lo. Ao fazê-lo, além de ter identificado que se tratava de um papel de manufatura indiana, cujo diagrama ali traçado possivelmente consistiria na planta de um grande edifício, também notou o nome de quatro indivíduos – Jonathan Small, Mahomet Singh, Adullah Khan e Dost Akbar – grafados conjuntamente a um símbolo. Pouco a pouco e sub-repticiamente, a colônia penetrava e se espalhava pelo coração da metrópole.

Definida por seus contrastes, a Londres oitocentista fascinava, aqueles que percorriam suas ruas, tanto por sua imensidão quanto pela diversidade de sua população.¹¹ Inebriados pelo espetáculo da multidão e desorientados pelas dimensões da grande cidade, Watson e Miss Morstan contrapunham-se a serenidade e a tranquilidade de Holmes. Tão personagem quanto os demais, Londres e sua atmosfera assombrosa punham à prova os sentidos e potencializam a perspicácia e a lógica detetivesca para ler indícios e lidar com a opacidade e as inquietações suscitadas pelos estilos de vida na *urbis* moderna. Como criatura da cidade, o detetive defrontava-se e desfazia os nós do emaranhado urbano, esgueirava-se de suas

⁹ BRANTLINGER, Patrick. *Rule of the Darkness: British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Nova York: Cornell University Press, 1990; SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁰ DOYLE, Arthur Conan, *O Signo dos Quatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 19.

¹¹ BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004; CHARLOT, Monica e MARX, Roland (org.). *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

névoas e percalços e, nesse sentido, impunha a ordem em meio à desordem.¹² Munido da razão, o detetive desvendava o que era (presumivelmente) insondável aos olhos (e à compreensão) dos outros. Cidade e detetive mutuamente se definiam e se complementavam nos aparatos discursivos, fossem esses ficcionais ou não.¹³

Os efeitos do desarranjo e da sinuosidade do espaço londrino eram abrandados conforme Holmes mapeava e delineava o percurso trilhado até as áreas limítrofes da cidade. A figura procurada pelo trio não se encontrava imersa no mar de gente que serpenteava pelas vias da capital do império, mas ainda assim estava oculta em sua vasta e labiríntica paisagem urbana. A dissolução da identidade subjaz à estrutura e ao conteúdo da ficção policial, como observou Walter Benjamin ao analisar os contos de Edgar Allan Poe (1809-1849).¹⁴ Para além de lugar de refúgio, condição reforçada pela aglomeração humana e pela constituição física de seu espaço, a configuração topográfica da grande cidade transparecia as hierarquias sociais e simbólicas vigentes na sociedade britânica oitocentista. Pujança e miséria conviviam lado a lado, embora fosse frequente, sobretudo no final do século XIX, enquadrá-las estritamente em duas regiões da cidade.¹⁵ Vingava a impressão de que *West End* e *East End* constituíam dois universos apartados, distintos e, por isso mesmo, conflitantes. As sombras do leste eram vistas como um eminente risco ao progresso e as prerrogativas civilizacionais associadas ao oeste londrino.¹⁶ As desigualdades, nos mais diversos níveis, materializavam-se na distribuição demográfica e na construção da espacialidade londrina, ainda que as representações literárias tendessem a atenuá-las e até mesmo esfumaçá-las ao cindir a cidade em duas metades.¹⁷ A busca por

¹² PINTO, Júlio Pimentel. No princípio era Poe: notas sobre o início da narrativa policial. In: *A pista & a razão: Uma narrativa fragmentária da narrativa policial*. São Paulo: e-galáxia, 2019; SUMMERSCALE, Kate. *As suspeitas do Sr. Whicher: a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹³ PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁵ BRIGGS, Asa. London, the World City. In: *Victorian Cities*. Harmondsworth: Penguin, 1968, p. 311-360; JONES, Gareth Stedman. *Outcast London: A Study in the Relationship between Classes in Victorian Society*. London; New York: Verso, 2013; WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁶ MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009; WALKOWITZ, Judith R. *City of dreadful delight: narratives of sexual danger in late-Victorian London*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

¹⁷ MORETTI, Franco. Um conto de duas cidades. In: *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 87-150.

padronizações, assentadas em binarismos e determinismos, apesar de tornar as feições da metrópole legíveis, sublinhava a sua pretensa uniformidade e não as suas contradições.¹⁸

Não demorou muito para Holmes observar que o trajeto tomado não parecia levá-los para regiões muito elegantes. A vizinhança ficava cada vez mais esquálida e emanava um ar suspeito. A descrição da precariedade da região suburbana de modo algum põe em xeque a estreita associação entre pobreza e criminalidade, justamente ao não contrariá-la, acaba por reiterá-la. O clima de pavor e hesitação despertado pelo submundo londrino emerge na narrativa a partir de um jogo de claro e escuro e acentua-se mediante ao emprego da linguagem metafórica. A monstruosidade de Londres, indicada por seus tentáculos, abertamente corresponde ao avanço da área metropolitana pelas terras do (idílico e verde) campo inglês.¹⁹ Cabe explorar, então, a mobilidade e a fluidez das fronteiras da capital do império. Não tanto no que diz respeito ao deslocamento de seu tecido urbano sentido ao interior e sim pensar o movimento dessas linhas divisórias dentro da própria Londres. O que, em suma, significa testar a afirmação de Benjamin de que “em nenhum outro lugar – com exceção dos sonhos – o fenômeno da fronteira pode ser experimentado de forma tão pura como nas cidades”²⁰.

Londres se faz ver pela perspectiva de Watson e pelo trânsito dos personagens. Até a chegada do trio à casa de Thaddeus Sholto, predomina na superfície textual a espacialidade metropolitana. Um ou outro vestígio orientam o olhar da audiência leitora para a presença do império, mas, por enquanto, tais alusões, ainda que significativas para o entrelaçar dos fios da história, passam longe de perturbar ou colocar em segundo plano as facetas domésticas da narrativa. *A priori*, parecem enfatizar a distância geográfica existente entre metrópole e colônia. Contudo, assim que um criado hindu aparece na porta para recepcionar os convidados de Thaddeus, a figuração de um outro mundo entra em cena. Depois de pormenorizar os trajes da

¹⁸ HIMMELFARB, Gertrude. The culture of poverty. In: DYOS, Harold J.; WOLFF, Michael. *The victorian city: images and realities*, v. 2. London: Routledge, 1973, p. 707-736; KEATING, Peter. Fact and fiction in the East End. In: DYOS, Harold J.; WOLFF, Michael. *The Victorian City: images and realities*, v. 2. London: Routledge, 1973, p. 585-602.

¹⁹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Cultura & Cidades. Revista Brasileira de História*, v.5, n. 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985, pp. 35-68; WILLIAMS, Raymond, op. cit.

²⁰ Embora o livro das *Passagens* tenha sido traduzido para o português, optou-se aqui por fazer uso da tradução realizada por Sandra Vasconcelos do trecho citado por Moretti em seu livro *Atlas do romance europeu*. BENJAMIN, W. apud MORETTI, Franco, 2003, p. 90.

“figura oriental emoldurada no banal vão da porta”²¹ e sua estranha incongruência com os arredores e a fachada da moradia suburbana, Watson não conteve o sobressalto ao adentrar no pequeno santuário de Thaddeus:

Ficamos todos espantados ante o aspecto do aposento em que ele nos convidava a entrar. Naquela casa deplorável, parecia tão deslocado quanto um diamante num engaste de latão. As mais ricas e lustrosas cortinas e tapeçaria forravam as paredes, repuxados aqui e ali para expor uma pintura ricamente emoldurada ou um vaso oriental. O tapete era âmbar e preto, tão macio e tão espesso que o pé afundava agradavelmente nele como num leito de musgo. Duas grandes peles de tigre jogadas obliquamente sobre eles aumentavam a sugestão de luxo oriental, bem como o enorme narguilé a um canto, sobre uma esteira. Uma lâmpada na forma de uma pomba prata pendia de um fio de ouro quase invisível no centro da sala. Enquanto ardia, enchia o ar com um odor sutil e aromático.²²

Conforme inventariava os objetos dispostos nos quatro cantos do cômodo, o Oriente, em contraste com o Ocidente, parecia se materializar diante de Watson e de seus companheiros de jornada. O mundo globalizado borrava os limites territoriais.²³ Tão nítido quanto o espanto do trio são o tom e os traços orientalistas do trecho. A suntuosidade escancara o exotismo, tal qual a ausência de comedimentos. A recorrência aos estereótipos dos excessos, do luxo e da extravagância delinear a presumida essência dos territórios e dos habitantes do Oriente, ainda que apropriados por um excêntrico descendente de um britânico. O “oásis”²⁴ de Thaddeus Sholto, escondido nas margens londrinas, sinalizava a contaminação da metrópole pelo império. Em certa medida, percebe-se que a esquisitice da casa se soma ao comportamento e a aparência peculiar de seu proprietário.²⁵ Mais do que estrambólica e exógena, a moradia de Thaddeus traz à tona que as possessões do além-mar, de algum modo, viviam na Inglaterra. A invasão e a conquista de terras estrangeiras jamais implicaram em uma total subordinação e controle dos territórios coloniais e menos ainda no completo isolamento da metrópole dos desdobramentos das práticas

²¹ DOYLE, op. cit., p. 45.

²² Idem, ibidem, p. 49-50.

²³ REITZ, Caroline. The Empires of Study in *Scarlet and The Sign of Four*. In: ALLAN, Janice M.; PITTARD, Christopher. *The Cambridge companion to Sherlock Holmes*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2019.

²⁴ DOYLE, op. cit., p. 49.

²⁵ De acordo com Watson Thaddeus Sholto era “um homenzinho de cabeça muito pontuda, com uma coroa eriçada de cabelo ruivo em toda a sua orla, e um couro cabeludo calvo e reluzente, que despontava em meio a ela como um pico de montanha por entre abetos. [...] seus traços estavam em perpétuo movimento – ora sorrindo, ora franzindo as sobrancelhas, mas nem por um instante em repouso. A natureza lhe dera lábios caídos e uma linha demasiado visível de dentes amarelos e irregulares, que ele tentava debilmente esconder passando a mão constantemente sobre a parte inferior do rosto. DOYLE, op. cit., p. 49.

e das políticas de dominação. Mesmo a contragosto, as histórias desses espaços se entrelaçam e os seus elementos sociais e culturais se imbricam. Por essas e outras razões, Said aponta a inexistência de uma cultura pura.²⁶ Todas as culturas são híbridas, muito embora não tenham cessado esforços para traçar claras demarcações e, com isso, afirmar a superioridade de algumas sociedades em detrimento de outras. Eis aí um dos atributos da retórica “nós e eles”.²⁷

Vale ressaltar que o choque e os incômodos exteriorizados por Watson acerca da residência de Thaddeus abre vias para chamar a atenção para dois pontos: 1) a permeabilidade das fronteiras metropolitanas, mesmo quando havia o desejo de torná-las rígidas e impenetráveis; e 2) o pânico dos vitorianos (tardios) ante a suposta ameaça de que a Inglaterra poderia sucumbir ao império. Dava-se vazão à ideia de que a metrópole estava em perigo e necessitava ser protegida. A pressuposição de uma provável degeneração dos indivíduos e da própria Nação britânica perpassa a produção cultural (e científica) do período.²⁸ O nome de Conan Doyle certamente não consta nos anais dos expoentes da literatura de invasão, porém conforme constatou Franco Moretti, as duas primeiras aventuras de Sherlock Holmes portam componentes narrativos da modalidade literária estudada e caracterizada pelos críticos I. F. Clark e Michal Matin.²⁹ A literatura de invasão ascendeu no Reino Unido na década de 1870 e gozou de uma ampla popularidade entre os vitorianos e os eduardianos. Sua gênese coincide com o fim da guerra Franco-Prussiana e sua estrutura e tropos narrativos carregam as marcas das rivalidades europeias e dos abalos sofridos pelos valores e pelo ideário liberal.³⁰

O texto fundador da literatura de invasão é *The Battle of Dorking: the Reminiscence of a Volunteer*, publicado em maio de 1871 na *Blackwood's Magazine*.³¹ A abertura da obra, escrita pelo Coronel George Chesney (1830-1895), expõe sem rodeios o formato, o estilo e o conteúdo do registro ficcional em mãos:

²⁶ SAID, 2011.

²⁷ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁸ BRANTLINGER, op. cit.; MCCLINTOCK, op. cit.

²⁹ CLARKE, I. F. The Battle of Dorking. *Victorian Studies*, jun., v. 8, n. 4, 1965, p. 309-328; MATIN, A. M. *Securing Britain: Figures of Invasion in Late-Victorian and Edwardian Fiction*. PhD—New York: Columbia University, 1997; MORETTI, 2003.

³⁰ MATIN, A. M. Scrutinizing “The Battle of Dorking”; the Royal United Service Institution and the Mid-Victorian Invasion Controversy. *Victorian Literature and Culture*, v. 39, n. 2, p. 385–407, 2011.

³¹ O reconhecimento da autoria do Coronel George Chesney é posterior, pois originalmente a obra foi publicada anonimamente.

Meus netos, vocês me pedem que lhe conte algo sobre minha participação nos grandes eventos que ocorreram há cinquenta anos. É triste voltar àquela página amarga de nossa história, mas talvez vocês aproveitem seus novos lares as lições que ela ensina. Para nós, da Inglaterra, ela veio tarde demais. Contudo, tivemos muitas advertências, quisera que tivéssemos feito uso delas. O perigo não caiu sobre nós sem aviso. Caiu sobre nós de repente, é verdade, mas sua vinda foi prenunciada o suficiente para abrir nossos olhos, se não tivéssemos sido obstinadamente cegos. Nós ingleses só temos a nós mesmos a culpar pela humilhação que caiu sobre a nossa terra. Venerável velhice! Desonrada velhice, digo, quando ela se segue a um tempo de maturidade desonrado como nosso....³²

Basicamente, o mote do conto de Chesney consiste na invasão da Inglaterra por soldados alemães. Despreparados militarmente, os britânicos foram incapazes de fazer frente ao disciplinado exército alemão. Apesar dos inúmeros sinais e avisos de que a guerra estava prestes a ocorrer, os britânicos, além de ignorá-los, subestimaram a força e a eficiência das tropas germânicas. Como desdobramento disso, viram a Inglaterra ser subjugada e suas colônias caírem nas mãos inimigas. O relato retrospectivo e o desfecho fatalista, ficcionalmente, expressam o temor dos *tories* diante do realinhamento do jogo de forças entre as potências europeias e a apreensão de que o poderio britânico estivesse em risco. A eminente vitória prussiana na guerra contra os franceses colocou a imaginação dos conservadores radicais de sobreaviso. Fez com que eles projetassem as disputas europeias a partir de outro prisma e passassem a conjecturar as possíveis rotas de invasão e as deficiências na defesa da ilha.

Havia o receio de que a hegemonia econômica e militar da Grã-Bretanha fosse colocada à prova em solo europeu e falhasse retumbantemente. O mar e a insularidade deixaram de ser uma barreira contra os (combatentes) estrangeiros.³³ As dificuldades de acesso e alcance impostas pela natureza passaram a ser contornadas pelas inovações científicas e tecnológicas. Via a narrativa literária, devaneava-se sobre as vulnerabilidades da costa litorânea inglesa e, via a tônica catastrófica, pressionava-se pela ampliação das verbas remetidas às forças armadas britânica. A temida obsolescência do exército e o baixo contingente de regimentos alocados na

³² Há indicações de que o conto *The Battle of Dorking* foi traduzido e publicado no Brasil, pela editora Laemmert, no mesmo ano em que saiu na Inglaterra. Fora essa tradução do século XIX, cuja autoria erroneamente foi atribuída ao ex-primeiro-ministro britânico Benjamin Disraeli (1804-1881), não foi encontrada qualquer referência de outra feita em anos mais recentes. Na impossibilidade de consultar a versão oitocentista, optou-se por citar o parágrafo inicial da obra, selecionado pelo crítico Franco Moretti e traduzido por Sandra Vasconcelos. CHESNEY, George T. apud MORETTI, Franco, 2003, p. 149.

³³ CLARKE, 1965; MATIN, 1997.

ilha eram percebidos como um risco à soberania nacional. Além do que a isso, adicionava-se a percepção de que o império drenava e privava a metrópole de seus soldados e marinheiros ao demandar constante vigilância e controle das guarnições da maquinaria de guerra. Para os conservadores, existia uma inversão nas prioridades das autoridades governantes, que faziam um pouco caso ao não se prestar a municar o treinamento das unidades de voluntários.

Por trás do discurso aterrorizante e belicista estavam os ataques às políticas internas (e externas) conduzidas pelo gabinete liberal de William Gladstone (1809-1898).³⁴ O caráter panfletário da produção ficcional de Chesney era tão patente, que o primeiro-ministro, contrariado com o sucesso da obra, em uma ala proferida em uma associação de trabalhadores em Whitby, rogou para que os presentes ficassem alerta com os textos alarmistas. Seguidas de ressalvas, a explícita referência de Gladstone a *The Battle of Dorking* porta em si a preocupação de que a opinião pública estivesse sendo persuadida a tomar o alarido fictício como real e de que a Inglaterra estivesse fazendo o papel de tola a nível internacional.³⁵ A estrondosa repercussão do conto de Chesney simultaneamente o converteu em alvo de intensos debates domésticos e estrangeiros e, por meses, mobilizou na imprensa manifestações tanto favoráveis quanto contrárias à plataforma armamentista dos *tories* e ao prognóstico apocalíptico traçado pela obra ficcional de caráter futurista.³⁶ Instrumentalizava-se a criação literária para fins majoritariamente políticos.

Rapidamente, surgiram outras narrativas literárias com o mesmo perfil. Se não havia grande variação nos artifícios estilísticos utilizados para estruturar e contar a história, o mesmo não se pode afirmar a respeito dos desfechos e das nacionalidades atribuídas aos antagonistas. A derrota nunca deixou de ser uma solução usual, entretanto o final no qual os ingleses (heroicamente) prevaleciam diante de exércitos conquistadores mostrava-se como uma alternativa possível. Os arremates, desse

³⁴ Idem, *Ibidem*; Idem, *Ibidem*.

³⁵ "In Blackwood's Magazine there has lately been a famous article called 'The Battle of Dorking.' I should not mind this "Battle of Dorking," if we could keep it to ourselves, if we could take care that nobody belonging to any other country should know that such follies could find currency or even favour with portions of the British public; but unfortunately there things go abroad, and they make us ridiculous in the eyes of the whole world. I do not say that the writers of them are not sincere – that is another matter – but I do say that the result of these things is practically the spending of more and more of your money. Be on your guard against alarmism. Depend upon it that there is not this astounding disposition on the part of all mankind to make us the objects of hatred." *Annual Register*, 1871, Pt. I, p. 108.

³⁶ CLARKE, I. F. Before and after "The Battle of Dorking". *Science Fiction Studies*, v. 24, n. 1, p. 33–46, 1997.

modo, oscilavam entre um futuro fatalista e a expectativa de um (duro) recomeço – advindo de uma épica vitória. Para além do apelo patriótico, esses escritos ficcionais esforçavam-se por apagar as tensões sociais internas, oriundas das explorações e das distinções de classe e de gênero, ao frisar a nacionalidade como uma condição (essencial e) comum. Era necessário ignorar as diferenças e se unir contra as afrontas e as indisposições estrangeiras. Mesmo sendo fictícia, a guerra era um mecanismo de galvanização identitária.

Não obstante uma das novidades de Chesney tenha sido a de antecipar os alemães como arqui-inimigos em uma futura guerra, nas produções ficcionais posteriores as rivalidades históricas definiam as caracterizações e a procedência dos invasores. Os estereótipos raciais e a linguagem hostil e xenófoba tornavam as identidades das nações europeias discerníveis. Enquanto os franceses eram agitadores, incendiários e gananciosos, os russos eram brutos, hediondos e cruéis. Imbuídas no repertório imaginativo dessas fictícias operações militares estavam não apenas as antigas desavenças, mas também as divergências fomentadas pela corrida expansionista. Ao contrário dos alemães, franceses e russos, até então, simbolizavam as principais ameaças às zonas limítrofes (e à manutenção) do império britânico, assim como já haviam se contraposto aos interesses britânicos no continente em um passado recente.³⁷

Vale, todavia, assinalar que o predomínio das encenações dos confrontos entre os europeus, nessas narrativas especulativas, de jeito algum inviabilizou que, em alguns de seus títulos, os colonizados figurassem entre os antagonistas. Dava-se vazão, assim, ao medo de que os territórios ultramarinos fossem perdidos e divididos entre os inimigos, com os quais os nativos teriam se aliado. Em uma batalha em duas frentes, enfrentava-se os invasores e aqueles vistos como traidores. Chega a ser irônico que, no auge da expansão imperial, a sociedade britânica literariamente projetasse para si as circunstâncias, as violências e os tormentos infligidos por ela mesma aos povos originários de seus domínios e colônias.³⁸ Ao comentar sobre o inconsciente social e individual e suas interconexões com a linguagem literária, o

³⁷ SAID, 2007; SATIA, Priya. *Spies in Arabia: The Great War and the cultural foundations of Britain's covert empire in the Middle East*. Oxford New York: Oxford University Press, 2008; _____. *Time's monster: history, conscience and Britain's empire*. London: Penguin books, 2022; WAGNER, Kim A. *The great fear of 1857: rumours and conspiracies and the making of the Indian uprising*. Oxford: Peter Lang, 2010.

³⁸ MATIN, 1997.

escritor Italo Calvino lembra que “quanto mais nossas casas são iluminadas e prósperas, tanto mais seus muros se encharcam de fantasmas; os sonhos do progresso e da racionalidade são visitados por pesadelos.”³⁹ A civilização ocidental moderna criava os seus próprios espectros e seus próprios devaneios.

Nem *Um Estudo em Vermelho* e nem *O Signo dos Quatro* possui uma guerra vindoura como eixo de suas narrativas. A ilha não está a ponto de ser invadida, os inimigos a serem enfrentados não estavam fora de suas fronteiras. Nos dois primeiros romances de Holmes, ocorre justamente o contrário, a ameaça já havia se infiltrado, embora não na forma de soldados. Os indivíduos estrangeiros, no papel de vilões, encarnavam a perturbação da ordem e da estabilidade da sociedade britânica. Cabe, no entanto, dizer que os próprios retornados britânicos podiam ser aqueles cujas condutas e ações punham em xeque a seguridade da nação. Dois exemplos claro dessa situação são os personagens do Major Sholto e do Capitão Morstan. Não obstante os comportamentos comprometedores desses militares tenha se dado na Índia, as repercussões de seus atos fizeram com que duas figuras, um inglês e um nativo das Ilhas Andamão, se dirigissem à Inglaterra em busca de vingança. As injúrias sofridas no passado de maneira alguma foram esquecidas. Tanto Jonathan Small quanto Tonga aparecem furtivamente na narrativa, antes de propriamente ganharem destaque na parte final do romance. Sem contar que é precisamente o relato de Small que desloca a ambientação da obra de Londres para o espaço colonial. O motim indiano de 1857 desponta das sombras e é vivamente (re)encenado na confissão do vilão. Os retornados do império carregavam resquícios e o legado colonial consigo.⁴⁰

É em Pondicherry Lodge que Small e Tonga entram na mira de Holmes. Lugar de fatalidades, a mansão dos Sholto é mais um ponto em que os conflitos imperiais são entrepostos na tessitura da trama. O nome da propriedade, situada em Upper Norwood, alude a uma região no sul da Índia disputada por ingleses e franceses e cujo domínio trocou de lado diversas vezes.⁴¹ Como é possível observar, a narrativa de *O Signo dos Quatro* transita entre as referências cifradas e aquelas propriamente abertas no que tange às aproximações da história imperial. O trágico e repentino

³⁹ CALVINO, Italo. Cibernética e fantasmas (notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 209.

⁴⁰ SIDDIQI, Yumma. The Cesspool of Empire: Sherlock Holmes and the Return of the Repressed. *Victorian Literature and Culture*, v. 34, n. 1, 2006, p. 233–247.

⁴¹ REITZ, op. cit., p. 135.

assassinato de Bartholomew Sholto comprometerá os planos de Thaddeus de não envolver a polícia e de legar a Mary o seu quinhão do (clandestino) tesouro de Agra. Ao reportar às autoridades a morte de seu irmão gêmeo, Thaddeus fora obrigado a declarar a existência do tesouro indiano, tal qual o seu sumiço. Assim, não havia dúvidas de que o incidente mortal ocorrido na residência dos Sholto possuía alguma ligação com o desaparecimento do tesouro. O espólio do motim cobrava o seu preço. Antes mesmo de capturar Small, Holmes já o apresenta como um dos culpados pela morte de Bartholomew. Sua presença na cena do crime é indicada por sua perna de pau e sua relação com os Sholto remete ao mapa encontrado na carteira do Capitão Morstan. Ele era o integrante inglês dos signos dos quatro.

Não muito tempo depois a solução do caso é apresentada. A leitura dos vestígios no local do crime permite a Holmes constatar que o inglês estava acompanhando de uma outra pessoa ao pisar no quarto da vítima. De antemão, o detetive consultor descarta Small como o autor do crime e imputa a responsabilidade do ato ao seu acompanhante, pois a arma utilizada era um tanto incomum. O ferimento encontrado no pescoço de Bartholomew revelava que a sua morte era decorrência de um espinho venenoso. O assassino, segundo Holmes, era uma criatura peculiar.

O objetivo, então, passou a ser o de descobrir o paradeiro de Small, pois isso significava levá-los até Tonga. Se a identificação de Small foi feita sem muita demora, a do nativo das ilhas Andamão não se deu de prontidão. A princípio, por conta dos indícios, Holmes chegou a cogitar que o cúmplice de Small pudesse ser uma criança, mas logo o seu raciocínio foi direcionado para outro rumo. As marcas de pés pequenos, visualizadas no piso do alçapão, podiam ter outra explicação plausível. A morte de Bartholomew era resultado de um impulso instintivo e do manejo de uma arma rudimentar, uma zarabatana. Um selvagem, nas palavras de Holmes e Watson, havia cometido o crime. A singularidade de Tonga era justamente não se enquadrar nos padrões civilizados. Ele (e seus compatriotas) era(m) avaliado(s) e categorizado(s) segundo a escala de desenvolvimento das sociedades europeias. O olhar eurocêntrico, fundamentado em polarizações, sistematizava o mundo segundo os seus próprios parâmetros. Firmava-se o homem europeu no topo da escala evolutiva.⁴² Watson e Holmes só puseram os olhos em Tonga durante a perseguição do andamanês e de Small pelo Tâmis. Mas antes mesmo que a apresentação do

⁴² MCCLINTOCK, op. cit.

personagem fosse feita, o leitor já tinha em mente a imagem com a qual iria se deparar. A leitura realizada por Holmes de um verbete, extraído de um dicionário geográfico, já havia definido a constituição física e comportamental do ilhéu:

Ah, aqui está! 'Os aborígenes das Ilhas Andamão talvez possam reivindicar a distinção de serem a menor raça da face da Terra, embora alguns antropólogos prefiram os boxímanes da África, os índios escavadores da América, e os fueguinos. A altura média fica em torno de um metro e vinte, embora se possam encontrar muitos adultos plenamente desenvolvidos muito mais baixos que isso. São pessoas ferozes, rabugentas, e intratáveis, embora capazes de formar as mais devotadas amizades, uma vez que sua confiança tenha sido conquistada.' [...] "Eles são naturalmente medonhos, tem cabeças grandes, malformadas, olhos pequenos e ferozes e traços distorcidos. Seus pés e mãos, contudo são notavelmente pequenos. São gente tão feroz e intratável que todos os esforços dos funcionários britânicos para conquistá-los fracassaram por completo. Sempre foram um terror para as tripulações de navios naufragados, golpeando-lhes as cabeças com seus porretes de cabeça de ferro ou atingindo-os com suas flechas envenenadas. Esses massacres são invariavelmente com um banquete canibal."⁴³

Faz-se claro que os limiares entre a arte e a ciência oitocentista intimamente se tocam na construção do personagem de Tonga. Pela descrição acima, mal se pode dizer que os andamaneses fossem considerados humanos. A condição de primitivos estaria estampada em seus próprios corpos. A inferioridade (racial e social) era(m) assim mensurada(s) e classificada(s) anatomicamente.⁴⁴ Portanto, ao fixar os desvios e os estigmas do atavismo, a "poética da degeneração" afiançava as tipologias da normalidade preceituadas pelas classes burguesas.⁴⁵ A fisionomia e a natureza animalesca de Tonga eram indícios da estagnação evolutiva, serviam, pois, como parâmetro inverso dos rumos trilhados pelo homem branco ocidental. O exotismo de Tonga abria margens para que ele fosse visto e tratado como um animal; mesmo sendo um companheiro leal e afeiçoado a Small, não houve qualquer hesitação em exibi-lo em feiras, como uma exímia espécie de canibal, para subsidiar o sustento e a permanência de ambos em solo inglês. A espetacularização dos corpos (alheios), como meio de entretenimento, estava na ordem do dia. O desnível da relação entre Tonga e Small, nitidamente, passava pelo crivo da nacionalidade (e por conseguinte dos marcadores da racialidade). Na hierarquização do mundo, sustentadas pelas dinâmicas e pelas dimensões das relações coloniais, a inferioridade do nativo e a superioridade do britânico eram ("fatos") irrefutáveis – mesmo no caso de um

⁴³ DOYLE, op. cit., p. 110.

⁴⁴ GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999; PRATT, Mary Louise. Ciência, consciência planetária, interiores. In: *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

⁴⁵ MCCLINTOCK, op. cit., p. 80.

renegado, uma vez que os brancos se presumiam “senhores do mundo” na elaboração da “gramática da diferença”.⁴⁶

A invocação da autoridade do discurso científico em *O signo dos Quatro* mais do que um esforço voltado a validar o saber enciclopédico e as conjecturas de Holmes acaba por ser um gesto que literariamente põe em jogo e corrobora os pressupostos e as concepções das teorias raciais e deterministas amplamente em voga naquele momento. Sem contar que torna notória a percepção de que alguns povos foram vistos como irredimíveis; ou seja, por serem pouco afeitos a razão, estariam fora do alcance da missão civilizadora. A noção de perfectibilidade (e a dignidade) humana não se estendia(m) de fato a todos. O desdobramento desses preconceitos vestidos de roupagem científica era de que o futuro estava vedado para os “monstros” gestados pelos devaneios da racionalidade moderna. O atraso, o outro lado da moeda da ideia de progresso, deveria ser superado. Sem qualquer possibilidade de redenção, a condenação de Tonga estava dada. Um duplo disparo de Holmes e Watson o fez cair nas profundezas do Tâmis. Ficcionalmente, eliminava-se a ameaça do império.

Embora a caçada tenha terminado sem a recuperação do tesouro, as autoridades conseguiram aprisionar Jonathan Small. Com a fuga frustrada e com as mãos vazias, só restou a ele contar a sua estranha história. Sua vida foi cheia de infortúnio e de escolhas equivocadas. Partiu para Índia com o intuito de escapar de uma severa punição na Inglaterra, em virtude de uma confusão na qual estivera envolvido. O indivíduo marginalizado na metrópole encontrou uma chance de recomeço na colônia. Lugar dos indesejados, do excedente populacional, dos despossuídos, dos desvalidos, dos postos de serviços burocráticos e militares, e da exploração comercial dos recursos naturais e agrícolas, os territórios no ultramar serviam aos diferentes propósitos e as diferentes frentes dos projetos imperiais modernos.⁴⁷

Não eram tanto “os homens mais energéticos e dignos” da Inglaterra que se lançavam ao mar para desbravar as longínquas terras “vazias” e levar adiante o fardo da missão imperial. As palavras (e a premissa) de John Ruskin negligenciam o quão

⁴⁶ HALL, op. cit, p. 8-18.

⁴⁷ HALL, Catherine. *Civilising subjects: Metropole and Colony in the English Imagination, 1830-1867*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002. SATIA, Priya. How modern empire broke the empire mould. *Scroll.in*, 02 dez. 2023. Disponível em: <<https://scroll.in/article/1059658/gaza-and-the-future-how-the-entrenched-legacy-of-the-modern-empire-continues-to-shape-the-world>>. Acesso em: 15 dez. 2023; SAID, 2007.

controversas eram as carreiras dos designados heróis do império e omite as inúmeras vezes que os territórios ultramarinos foram utilizados como solução para as questões sociais domésticas.⁴⁸ As glórias da Inglaterra, mais do que construída de grandes feitos, eram resultado de pilhagens, guerras, massacres, oportunismo e escândalos de corrupção.⁴⁹ Os caçadores de recompensa não eram ocasionais e a perversidade, camuflada sob o manto do paternalismo e do altruísmo muitas das vezes, era menos uma derivação das falhas e dos abusos individuais dos oficiais e administradores britânicos; visto que era condicionada pelas próprias práticas e pelas próprias convicções imperiais. Em decorrência disso, as condutas espúrias eram mais comuns do que as narrativas e as notas biográficas, sobre os notáveis heróis do império, faziam crer. A instrumentalização da violência estava no cerne das conquistas e dos avanços civilizacionais.

A princípio a ida de Small ao subcontinente estava atrelada ao serviço militar, contudo um trágico acidente no Ganges abreviou os seus dias no regimento no qual havia ingressado. Apesar de aleijado, meses depois de deixar o hospital, ele assumiu o cargo de capataz na fazenda de Abel White e tinha como principal incumbência fiscalizar o cultivo de índigo realizado por indianos. Ao vigiar os trabalhadores e denunciar os ociosos, ele mantinha sob controle a produtividade da agricultura monocultora exportadora. O cotidiano de Small, sem dúvidas, dá mostras do trabalho como força disciplinadora, só que, em contrapartida, também abre vias para vislumbrar a ociosidade indiana (e de tantos outros povos) como um mecanismo encarnado de resistência à imposição das práticas econômicas vinculadas ao capital. Apreende-se assim o quão abrupta e compelida foi a integração das colônias ao mercado das transações internacionais. A imbricação das economias mundiais estilhaçava os modos de vida tradicionais, ao sistematicamente substituí-los pelos padrões de uniformidade e regularidade regidos pelas técnicas de produção articuladas à lógica e às demandas das sociedades capitalistas.

Por um breve momento, Small considerou-se uma pessoa afortunada:

O salário era justo, eu tinha um alojamento confortável, estava contente de passar o resto de minha vida em plantações de índigo. Mr. Abel White era um homem bondoso, e muitas vezes aparecia na minha cabaninha para fumar um cachimbo comigo, pois por lá os brancos se afeiçoam uns aos outros como nunca o fazem aqui.⁵⁰

⁴⁸ RUSKIN, John. Inaugural. In: *Lectures on Art*. Oxford: Clarendon Press, 1870, p. 24-25.

⁴⁹ SATIA, 2022.

⁵⁰ DOYLE, op. cit., p. 154.

O progresso era (projetado e) medido em bases materiais.⁵¹ O pária, enfim, parecia ter encontrado alguma satisfação e valia longe da Inglaterra. Além de usufruir da camaradagem entre os homens brancos, Small parecia ter sido integrado às engrenagens do maquinário do colonialismo. As fissuras e as tensões sociais aparentavam ter ficado para trás. O conforto e o senso de comunidade sustentam a imagem apaziguadora do mundo colonial. Porém, sabe-se bem que as clivagens e os conflitos na sociedade ultramarina não eram inexistentes e que variadas formas de violência atravessavam o cotidiano e a convivência de seus integrantes. A época de calmaria (e a presumida estabilidade) chegaria(m) ao fim com a eclosão da revolta dos cipaios⁵².

De repente, sem qualquer aviso, o grande motim irrompeu sobre nós. Num mês, a Índia estava tão tranquila e pacífica, aparentemente, quanto Surrey ou Kent; no mês seguinte havia duzentos mil diabos negros à solta e o país era um perfeito inferno. [...]⁵³

O caráter testemunhal reforça o ar de veracidade dos acontecimentos relatados. A surpresa de Small, grosso modo, ecoa a estupefação das autoridades britânicas com a rapidez com que o levante militar se transformou em uma rebelião popular. Embora os indianos representassem o maior contingente de soldados dos regimentos controlados pela Companhia das Índias Orientais, os britânicos subestimaram o potencial de irradiação do motim e mais ainda a penetrabilidade da ideia de que era preciso (e possível) colocar abaixo o domínio colonial estrangeiro. Inicialmente, os oficiais britânicos consideraram que os eventos em Meerut (semelhantemente aos protestos ocorridos anteriormente em Ambala) eram uma mera insubordinação de fanáticos religiosos hindus e islâmicos, os quais haviam se deixado levar pelos boatos envolvendo o uso de gordura de vaca e de porco para engraxar os cartuchos dos rifles Enfield.⁵⁴ O que para os indianos seria um sacrilégio e imputaria em sanções morais e sociais de suas comunidades, para os britânicos não eram reais motivos para a desobediência dos seus comandados. Fica evidente, assim, que os conquistadores “compreendiam muito pouco sobre os ‘nativos’ subjugados”⁵⁵.

⁵¹ SATIA, 2023.

⁵² Termo utilizado para se referir aos soldados indianos da infantaria do exército britânico.

⁵³ DOYLE, op. cit., p. 154.

⁵⁴ WAGNER, Kim. *The great fear of 1857: rumours and conspiracies and the making of the Indian uprising*. Oxford: Peter Lang, 2010.

⁵⁵ DARNTON, Robert. Índia britânica: liberalismo e imperialismo. In: *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 102.

Esperava-se que a punição dos soldados sediciosos, aprisionados e destituídos de seus postos, colocasse um basta na recusa dos nativos em utilizar os novos armentos durante os treinamentos. Entretanto, o que era para ser uma ação de ordem, acabou por conflitar um conflito armado de grandes proporções.

Em dez de maio de 1857, a tensão chegou ao seu ápice e os nativos investiram contra as forças e as instituições coloniais. Sentindo-se pressionados e humilhados, os cipayos ao mesmo tempo em que temiam e se ressentiam das represálias britânicas, encontravam-se contrariados com o que presumiam ser uma tentativa forçada de convertê-los ao cristianismo. Ampliavam-se as desconfianças e, com isso, esfarelavam-se os vínculos de lealdade com a Companhia. Parte da infantaria, ao tomar posse dos armamentos imperiais, atacou os bangalôs, a cavalaria e os soldados alinhados aos europeus. Quando os comandantes britânicos tomaram ciência do levante e tentaram abafá-lo, a situação já era incontornável. Os membros indecisos dos regimentos e os habitantes locais, inflamados pelas circunstâncias e pela instabilidade enfrentada pelas autoridades coloniais, se uniram aos amotinados. Se no início a violência tinha como alvo os militares, conforme a adesão ao movimento crescia, a perseguição e os ataques passaram a ser feitos contra aos europeus e seus aliados em geral. À instauração do caos, seguiu-se a libertação dos oitenta e cinco cipayos, condenados pela corte marcial, a destruição da guarnição de Meerut e a marcha dos insurgentes rumo a Délhi.

Iludidos pelas próprias motivações e pela crença de que sua presença atuava como um bastião contra o barbarismo, os britânicos eram incapazes de enxergar os sinais e compreender a realidade social e cultural dos nativos a sua volta. Embora o estopim do motim tenha raízes religiosas, a amplitude da rebelião revela que o que passou a amalgamar uma parcela da sociedade indiana era algo que ultrapassava as afrontas perpetradas contra o hinduísmo e o islamismo. O furor e a agressividade da multidão, em certa medida, eram uma reação deliberada tanto à opressão diária quanto ao processo de ocidentalização, sumarizado pelas reformas liberais, imposto à população do subcontinente desde o final do século XVIII. Livrar-se das amarras da Companhia era libertar-se do jugo do colonialismo, retomar alianças antigas—propiciadas, sobretudo, pela conjuntura, e vingar-se das injúrias e crueldades sofridas

ao longo dos cem anos do domínio britânico.⁵⁶ A própria violência colonial havia alimentado a violência empregada para confrontar, derrubar e repelir os seus agentes.⁵⁷ A rebelião, dessa maneira, contestava as visões acerca da indolência ser uma característica inata dos indianos (e dos demais povos não brancos).

No período de um mês, os britânicos da região noroeste da Índia estavam rendidos. Os amotinados em Délhi a muito custo conseguiram o apoio do imperador Bahadur Shah Zafar (1775-1862) e pouco a pouco os marajás e os nababos do subcontinente avessos aos britânicos se uniam ao levante.⁵⁸ A insurreição atraía adeptos de ponta a ponta da sociedade indiana. De maio até novembro a maré seguiu favorável aos nativos. Os cercos confinavam os europeus que não conseguiram fugir das áreas dominadas pelos rebeldes.

Foi no final de junho que as primeiras notícias sobre a rebelião chegaram e passaram a circular na Inglaterra. A destruição da rede de telégrafos em algumas áreas do subcontinente dificultava as transmissões das comunicações internas e externas. O descompasso e a fragmentação das informações recebidas deixaram a sociedade e a opinião pública britânica inquietas. Durante os meses de intensificação dos conflitos, a imprensa foi inundada de artigos a respeito da Índia e de publicações acerca dos combates em andamento; o curso dos acontecimentos e as decisões tomadas na Índias pautaram os debates parlamentares; e os encontros e as vigílias religiosas não somente se espalharam pela metrópole, mas também apregoavam aos quatro ventos que o motim consistia em uma punição divina contra a ganância dos britânicos.⁵⁹ Todas essas iniciativas e repercussões, ao mesmo tempo em que buscavam ter dimensões e formar um quadro compreensível do que se passava na colônia, expressavam o espanto individual e coletivo diante do desastre e dos reveses sofridos pelas mãos dos insurgentes. A revolta dos cipaios foi um duro golpe na autoestima dos vitorianos. Desde o início foram múltiplos os esforços dos britânicos para tornar as causas e as circunstâncias do levante inteligíveis. O instrumental e os

⁵⁶ Apesar da presença britânica na Índia remeter ao século XVII, período no qual a Companhia se estabeleceu e passou a comercializar no subcontinente, o ponto de virada na expansão do poder imperial na Índia, sobretudo a sua afirmação na região de Bengala, é a vitória das tropas da Companhia, lideradas por Robert Clive (1725-1774), na batalha de Plassey, em 1757. SATIA, 2022, p. 86.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 100.

⁵⁸ WAGNER, op. cit.

⁵⁹ MERRITT, Rebecca. Public Perceptions of 1857 – An Overview of British Press Responses to the Indian Uprising. In: BATES, Crispin; MAJOR, Andrea. *Mutiny at the margins: new perspectives on the Indian uprising of 1857*, vol. 2. New Delhi: SAGE, 2013, p. 1-24; RANDALL, Don. Autumn 1857: The Making of the Indian "Mutiny". *Victorian Literature and Culture*, v. 31, n. 1, 2003, p. 3-17.

caminhos tomados para interpretar as confrontações indianas, inicialmente, foram os mais distintos, embora na prática tenha prevalecido como resposta a brutalidade. Mesmo após o fim dos encontros a imaginação metropolitana seguiria assombrada pela supremacia britânica no subcontinente ter ficado por um fio.⁶⁰ As festividades para comemorar a vitória e os tributos aos britânicos mortos em batalha se tornaram usuais após o anúncio do triunfo britânico. O sufocamento da rebelião de modo algum implicou na eliminação da resistência ao poder colonial. As punições foram severas, mas a luta indiana contra os colonizadores se estendeu para além das fronteiras da Índia.⁶¹ Ainda assim, a independência só foi conquistada depois de um século.

As supressões referentes ao estouro do motim no romance em parte se escoram no enfoque e na abordagem autobiográfica de Small. Como não se trata propriamente de um relato sobre o conflito, preponderam em sua narração as situações nas quais a sua vida e as trilhas tomadas pela rebelião se interseccionavam. A transposição ficcional de episódios do motim não enquadra *O Signo dos Quatro* na categoria dos “romances sobre cipaios”, uma vez que a abordagem feita por Conan Doyle é um tanto tangencial.⁶² Portanto, a produção literária do autor escocês envereda por uma outra tradição ficcional e, de certo modo, se faz tributária dos legados das obras de Charles Dickens (1812-1870) e de Wilkie Collins (1824-1890). A despeito das diferentes estratégias literárias manejadas por Dickens e Collins, tanto *The Perils of Certain English Prisoners* (1857) quanto *A Pedra da Lua* (*The Moonstone*, 1868) abalizaram os parâmetros narrativos para a escrita do romance do escritor escocês. A omissão dos detalhes em nada compromete o entendimento e a leitura da obra literária. Assim, não é improvável supor que o próprio Conan Doyle tenha deixado essas brechas para que o público vitoriano, via a imaginação, preenchesse o que se encontrava nas entrelinhas. Afinal de contas, tratava-se de uma aproximação ficcional de um dos eventos mais dramáticos da história império e cujas cicatrizes deixadas na memória coletiva (tanto britânica quanto indiana) ainda eram

⁶⁰ CHAKRAVARTY, Gautam. *The Indian mutiny and the British imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

⁶¹ SATIA, 2022.

⁶² Sobre os “romances sobre cipaios” ver: BRANTLINGER, Patrick. The Well at Cawnpore: Literary Representations of the Indian Mutiny of 1857. In: *Rule of the Darkness: British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Nova York: Cornell University Press, 1990, p. 199-224; CHAKRAVARTY, op. cit.

um tanto recentes. Nesse sentido, *O Signo dos Quatro* não apenas revolveia lembranças, ao atualizar (literariamente) o passado, mas também inseria novas camadas no repertório imaginativo sobre a revolta.

Apesar dos sinais de devastação no horizonte, quando menos esperavam os residentes e os trabalhadores da propriedade de White se viram arrastados para o meio dos confrontos:

Nossa plantação ficava num lugar chamado Muttra, perto da fronteira das Províncias Noroeste. Noite após noite o céu ficava todo iluminado com os bangalôs em chamas, e dia após dia tínhamos pequenos grupos de europeus passando por nossa propriedade com suas mulheres e filhos a caminho de Agra, onde estavam as tropas mais próximas.⁶³

Situadas em uma área de entroncamentos, as terras do britânico encontravam-se no percurso dos insurgentes e dos seus conterrâneos em fuga. Convencido de que logo a insurreição seria abafada, White manteve a rotina e os afazeres diários do plantio como se nada estivesse acontecendo. A obstinação lhe custaria tudo e selaria tanto seu o destino quanto o de dois de seus funcionários, o casal Dawson. Não obstante tenha sido feita de modo sumário, a descrição da destruição da propriedade de White apresenta pormenores sórdidos. A exposição do cadáver da mulher de Dawson é visceral. Mais do que ressaltar a (premeditada) vulnerabilidade da condição feminina, os detalhes do entorno e do estado do corpo retalhado visavam dar provas da sanguinolência e da devassidão dos rebeldes. Ninguém estaria a salvo da impiedade indiana. Começa-se delinear a ideia do colonizador como vítima. Ausente das imediações residenciais no momento do ataque, o capataz foi o único dos europeus a escapar com vida e, tal qual os transeuntes dos dias anteriores, seguiu para Agra em busca de refúgio.

É importante observar que os marcos geográficos não se prestam apenas a guiar os movimentos da rebelião. Além da função de bússola, ao nortear a sequência dos eventos e do deslocamento dos rebelados, as referências espaciais circunscrevem a trajetória de Small e seus pontos de virada. Em Agra, o ex-capataz integrou e lutou na resistência. Enquanto a autoridade e o poderio da Companhia colapsavam, os insurgentes se impunham e ganhavam terreno nas principais cidades do noroeste do subcontinente, conforme os oficiais britânicos eram mortos e os seus regimentos se retraíam ou baixavam as armas. Encurralados e em desvantagem, os

⁶³ DOYLE, op. cit., p. 154-155.

européus e seus aliados tentavam sobreviver e defender-se, sem muito sucesso, do avanço das linhas indianas.

Como veio a se provar, no entanto, ali também não havia grande segurança. O país inteiro estava em polvorosa como um enxame de abelhas. Onde conseguiam se reunir em pequenos bandos, os ingleses simplesmente tentavam conservar o terreno que suas armas controlavam. Em todos os lugares eram fugitivos indefesos. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel disso era que esses homens contra quem lutávamos – e da infantaria, da cavalaria e da artilharia – eram nossos próprios soldados selecionados, que havíamos ensinado e treinado, manejando nossas próprias armas e dando nossos próprios toques de corneta.⁶⁴

O britânico era acompanhado de fúria e do sentimento de traição. Os soldados, que haviam lutado ao lado deles em campanhas na Índia e nos territórios vizinhos, pegaram em armas e se voltaram contra os seus próprios mestres. O ultraje seria um dos combustíveis para a repressão atroz. Ao dizer que se atém ao que viu, Small coloca os britânicos no centro da ação. As menções aos cipaio ora destacam a coragem e a resiliência de seus compatriotas frente às dificuldades enfrentadas, ora sublinham os comportamentos hostis (e tidos como contestáveis) dos amotinados. O maniqueísmo dita os recortes e os contornos da enunciação narrativa de Small. As próprias distinções existentes entre os insurgentes são apagadas, atribuem-se a eles um caráter e um perfil homogêneo e monolítico. A ênfase no aspecto militar certamente restringe o foco nos soldados e desloca da cena a adesão de outros setores sociais à revolta. Vale notar que a diversidade religiosa dos nativos dos regimentos da Companhia é eclipsada.

Se em meados da investigação, em uma conversa acerca das identidades dos integrantes do signo dos quatro, Holmes aponta a presença de hindus e islâmicos na composição da sociedade indiana, o seu compatriota ignora os segundos. Há um completo silêncio sobre os “maometanos”, para se valer do termo no romance, e a única referência aos hindus foi para chamá-los de mentirosos e traidores de juramentos. Por trás dessa caracterização feita por Adullah Khan e reproduzida na fala de Small, evidencia-se a redução e a uniformização do perfil dos combatentes, assim como a aliança entre siques e ingleses. A heterogeneidade da sociedade indiana e dos soldados envolvidos no motim é, portanto, simplificada. Erradica-se os islâmicos dos quadros da oposição e circunscreve-se a cisão social entre os indianos

⁶⁴ DOYLE, op. cit., p. 155-156.

somente entre hindus e siques. O silêncio e a omissão comunicam tanto quanto as palavras.

Fundamental para que os britânicos não sucumbissem diante dos insurgentes, a aliança entre siques e ingleses ganha contornos na organização dos signos dos quatro. Foi durante o cerco de Agra que Small conheceu seus amigos e sócios. Em uma noite de vigília, o inglês foi violentamente abordado por Adullah e por Mahomet Sigh. Em um primeiro momento, Small temeu que o forte estivesse a ponto de ser invadido pelos rebeldes, mas após os dois siques lhe assegurarem que não, ele não hesitou em escutar o que eles tinham a dizer. Sob uma coerção, nascia o signo dos quatro. A proposta da dupla indiana era para que ele os ajudasse a roubar o tesouro de um rajá disfarçado de mercador. Se a duplicidade de Khan e Sigh revelou-se por terem lutado contra os britânicos em um conflito anterior, a de Achmet se fazia patente em sua tentativa de ludibriar simultaneamente os seus compatriotas e os europeus. Incerto sobre os vencedores, o rajá buscou sorrateiramente manter pelo menos metade de sua fortuna em sua posse. A dissimulação era uma faceta correntemente atribuída aos asiáticos.⁶⁵ O plano confidenciado a Small era que assim que o mercador entrasse na fortificação, ele deveria ser assassinado. As joias, carregadas com ele, deveriam ser confiscadas e escondidas, antes de serem divididas entre o quarteto. A recusa em tomar parte no esquema significaria a sua morte. Preferindo se tornar um rico a morrer, o inglês aceitou a proposta.

De algum modo, o destino do grupo estava amarrado ao fim da rebelião.

Bem, de nada adianta que eu lhes conte, cavalheiros, o que resultou do motim indiano. Depois que Wilson tomou Délhi e Sir Colin substituiu Lucknow, a espinha da revolta estava quebrada. Novas tropas chegaram em quantidade e o próprio Nana Sahib desapareceu além da fronteira. Uma coluna móvel sob o comando do Coronel Greathed avançou até Agra e expulsou os *pandies* de lá. A paz parecia estar estabelecida no país e nós quatro começávamos a ter esperança de que estivesse próximo o momento em que poderíamos partir em segurança com nossos quinhões do butim.⁶⁶

Mal sabia Small que o futuro dele e de seus companheiros não seria nada radiante e os levaria a ser prisioneiros nas Ilhas Andamão. A quebra do cerco de Lucknow foi o ponto de virada dos embates e com isso marcou a retomada do controle britânico. A chegada dos voluntários e o remanejamento das tropas de outras regiões pela Companhia possibilitaram o contra-ataque. Mobilizados pelo revanchismo,

⁶⁵ WAGNER, op. cit.

⁶⁶ DOYLE, op. cit., p. 166.

sumarizado pela frase “Lembre-se de Cawnpore”, os britânicos retaliaram sem qualquer misericórdia.⁶⁷ Sangue foi retribuído com sangue e os massacres eram justificados como reparação. Fazia-se da colônia o lugar da exceção.⁶⁸ A retomada da “normalidade” veio a custo das atrocidades. A declaração da vitória, em julho de 1858, trouxe consigo uma série de medidas políticas e administrativas voltadas a enrijecer a dominação britânica no subcontinente. A primeira delas foi justamente a dissolução da Companhia e a transferência da autoridade para as mãos da Coroa. Uma outra foi a criação da colônia penal de Port Blair, cuja principal função foi receber os condenados por envolvimento no motim. O trabalho forçado acabou sendo a pena daqueles que não foram exilados ou executados.

O plano do quarteto falhou. O término da rebelião veio acompanhado da denúncia do assassinato de Achmet. Ao invés de se verem livres e ricos, Small e seus amigos foram sentenciados e levados às Ilhas Andamão. A recuperação do tesouro e a fuga passavam pelas mãos de dois dos supervisores da prisão, o capitão e o major. Porém, a deslealdade de Sholto colocou tudo a perder; além de ter desencadeado a sede de vingança. O ciclo narrativo se encerra com a restauração da ordem na Índia e na metrópole. As rixas do passado se diluem no presente narrativo. Ao se valer de todo um repertório imaginativo gestado na segunda metade do século XIX sobre o motim de 1857, Conan Doyle entrelaça os fios entre ficção e história, mas não a ponto de desestabilizar as certezas de seus compatriotas e, sim, de reafirmar a posição de vítima e a perseguição dos colonizadores. Fica aquela visão de que a crueldade britânica foi apenas uma reação aos massacres cometidos por aqueles que aderiram à luta iniciada pelos amotinados. Vinga a impressão de que se tratou de uma drástica (e merecida) resposta pela traição e pela ingratidão dos soldados nativos treinados e incorporados aos regimentos vinculados à Companhia das Índias Orientais. Não há contraponto, prevalece uma perspectiva única, que destoia da interpretação de parte da historiografia indiana a qual considera e caracteriza o motim de 1857 como a Primeira Guerra de Independência. Ainda assim, a leitura de *O Signo dos Quatro*

⁶⁷ Por três semanas de junho de 1857, os britânicos em Cawnpore se viram situados pelas tropas de cipayos lideradas por Nana Sahib (1824-1859?). Após algumas negociações, os europeus conseguiram um salvo conduto para deixar a cidade, porém a trégua não foi respeitada. Quando os rumores e as notícias acerca da violação e do massacre de mulheres e crianças chegaram na Inglaterra, a sociedade vitoriana se sentiu ultrajada e clamou por vingança contra os indianos. Não surpreende a imediata vilanização da figura de Nana Sahib.

⁶⁸ SATIA, 2022.

permite demonstrar que o império para além de uma experiência concreta cheia de contradições, era uma experiência imaginada.

Referências bibliográficas

- ACROYD, Peter. Introduction. In: DOYLE, Arthur Conan. *The Sign of Four*. London; New York: Penguin Classics, 2001.
- ALLAN, Janice M.; PITTARD, Christopher. *The Cambridge companion to Sherlock Holmes*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2019.
- ANNUAL REGISTER, 1871, Pt. I, p. 108.
- BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRANTLINGER, Patrick. *Rule of Darkness: British Literature and Imperialism, 1830-1914*. Nova York: Cornell University Press, 1990.
- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX) In: *Cultura e Cidades. Revista Brasileira de História*, v. 5, n. 8-9. São Paulo: Anpuh/ Marco Zero, p. 35-68, 1985.
- BRESCIANI, Maria Stella. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN, Robert. (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 9-42, 1994.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CALVINO, Italo. Cibernética e fantasmas (notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 196-215, 2006.
- CHAKRAVARTY, Gautam. *The Indian mutiny and the British imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CHARLOT, Monica e MARX, Roland (org.). *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- CHESNEY, George T. The Battle of Dorking. London: Grant Richards, 1914.
- CLARKE, I. F. The Battle of Dorking, 1871-1914. *Victorian Studies*, Indiana University Press, v. 8, n. 4, p. 309-328, jun. 1965.
- CLARKE, I. F. Before and after "The Battle of Dorking". *Science Fiction Studies*, v. 24, n. 1, p. 33-46, 1997.

- CRANFIELD, Jonathan. The Strand and the beginning, 1891-1899. In: *Twentieth-century Victorian: Arthur Conan Doyle and the Strand Magazine, 1891-1930*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.
- COLLINS, Wilkie. A Pedra da Lua. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DARNTON, Robert. Índia britânica: liberalismo e imperialismo. In: *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.99-168.
- DICKENS, Charles; COLLINS, Wilkie. The perils of certain English prisoners. *Household Words*. Extra Christmas Number, 1857.
- DOYLE, Arthur. *Um estudo em vermelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DOYLE, Arthur. *O signo dos quatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DOYLE, Arthur. *O Cão dos Baskerville*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DOYLE, Arthur. *O Vale do Medo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALL, Catherine. *Civilising subjects: Metropole and Colony in the English Imagination, 1830-1867*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.
- MATIN, A. Michael. *Securing Britain: Figures of Invasion in Late-Victorian and Edwardian Fiction*. (PhD dissertation) Graduate School of Arts and Science. Columbia University, 1997.
- MATIN, A. Michael. Scrutinizing “The Battle of Dorking”; the Royal United Service Institution and the Mid-Victorian Invasion Controversy. *Victorian Literature and Culture*, v. 39, n. 2, p. 385–407, 2011.
- MAZZENO, Laurence W. The Critical Reception of Arthur Conan Doyle: Sherlock Holmes and Beyond. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2023.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- MCDONALD, Peter D. Light reading and the dignity of letters: George Newnes, Ltd. and the making of Arthur Conan Doyle. In: *British Literary Culture and Publishing Practice, 1880-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p.118-171.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

- PINTO, Júlio Pimentel. No princípio era Poe: notas sobre o início da narrativa policial. In: *A pista & a razão: Uma narrativa fragmentária da narrativa policial*. São Paulo: e-galáxia, 2019.
- RANDALL, Don. Autumn 1857: The Making of the Indian "Mutiny". *Victorian Literature and Culture*, v. 31, n. 1, 2003, p. 3-17.
- RUSKIN, John. Inaugural. In: *Lectures on Art*. Oxford: Clarendon Press, 1870.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SATIA, Priya. *Spies in Arabia: The Great War and the cultural foundations of Britain's covert empire in the Middle East*. Oxford New York: Oxford University Press, 2008.
- SATIA, Priya. *Time's monster: history, conscience and Britain's empire*. London: Penguin books, 2022.
- SATIA Priya. How modern empire broke the empire mould. *Scroll.in*, 02 dez. 2023. Disponível em: <<https://scroll.in/article/1059658/gaza-and-the-future-how-the-entrenched-legacy-of-the-modern-empire-continues-to-shape-the-world>>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- SIDDIQI, Yumma. The Cesspool of Empire: Sherlock Holmes and the Return of the Repressed. *Victorian Literature and Culture*, v. 34, n. 1, 2006, p. 233–247.
- SILVA, Mônica Santos da. *Elimine o sujeito, e o que restar deve ser o outro: uma leitura subalterna de Sherlock Holmes*. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2023.
- SUMMERSCALE, Kate. *As suspeitas do Sr. Whicher: a história real de um dos crimes mais chocantes da Inglaterra vitoriana e do detetive que inspirou Charles Dickens e Arthur Conan Doyle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WAGNER, Kim A. *The great fear of 1857: rumours and conspiracies and the making of the Indian uprising*. Oxford: Peter Lang, 2010.
- WALKOWITZ, Judith R. *City of dreadful delight: narratives of sexual danger in late-Victorian London*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.